

EDUCAÇÃO HISTÓRICA E FORMAÇÃO DOCENTE: O (A) PROFESSOR(A) E SUAS FORMAS DE ENSINAR¹

Edelaine Nobre da Silva²

Antonieta Miguel³

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo investigar as diferentes metodologias de Ensino de História adotadas por professores da rede básica de ensino da Bahia, identificando quais são as formas de ensinar história que norteiam suas práticas pedagógicas. Partindo da compreensão de que o conhecimento histórico é um processo formativo fundamental para prática docente, pois é por meio dele que se desenvolvem habilidades para narrar, interpretar e problematizar o passado de forma crítica e contextualizada. Nesse sentido, destaca-se a importância da formação continuada como ferramenta essencial para qualificar a ação docente frente aos desafios do ensino contemporâneo. Para o desenvolvimento desta pesquisa, realizou-se um levantamento teórico com autores como Jörn Rüsen (2001; 2006; 2012; 2015), Schmidt (2020), Barca (2001), Lee (2001) e Germinari (2011), os quais abordam sobre a Aprendizagem Histórica e a Consciência Histórica. Com base nesse referencial, foi elaborado um questionário via *Google Forms*, com perguntas direcionadas ao professorado baiano. As questões investigaram as dificuldades enfrentadas em sala de aula, os métodos de ensino utilizados e a compreensão dos docentes sobre o ensino e a aprendizagem histórica. Os resultados indicam que os professores fazem uso de estratégias para atrair o interesse dos alunos, contudo evidenciam uma lacuna formativa que reforça a necessidade de aprofundamento teórico-metodológico. A realização dessa pesquisa permitiu conhecer e refletir sobre as práticas educativas dos professores, possibilitando perceber os desafios cotidianos desses profissionais.

Palavras-chave: Ensino de História, Formação docente, Formas de Ensinar.

INTRODUÇÃO

O ensino de História desempenha um papel fundamental na formação cidadã e crítica dos estudantes, possibilitando a construção de uma consciência histórica que os ajude a interpretar o passado e compreender o presente. Pesquisadores como Jörn Rüsen (2001, 2006, 2012, 2015), Schmidt (2020), Barca (2001), Lee (2001) e Germinari (2011) destacam que a aprendizagem histórica não se limita à memorização de fatos, mas deve promover narrativas reflexivas e a problematização da realidade. Nesse sentido, o

¹ Artigo elaborado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) defendido em 2024, no curso de Licenciatura em História.

² Mestranda do Curso de Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS) da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, nobredasilvae@gmail.com.

³ Pós-doutorado em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas (UFRB), Professora Adjunta do DCH/VI (UNEB), antonieta miguel40@yahoo.com.br.



professor se torna peça central, pois suas escolhas metodológicas influenciam diretamente no interesse e no desenvolvimento dos alunos.

A motivação para esta pesquisa surgiu a partir de experiências pessoais e acadêmicas. Durante minha trajetória como estudante da educação básica, percebi que grande parte das aulas de História seguia um formato tradicional, centrado no professor e no livro didático, o que gerava desinteresse entre muitos colegas. Posteriormente, ao participar de programas de formação docente como o PIBID e o PRP, observei que essa realidade ainda persiste em algumas escolas, embora também existam professores que conseguem despertar o interesse dos alunos com práticas diferenciadas. Esse contraste reforçou a necessidade de investigar como o ensino de História vem sendo conduzido e quais perspectivas orientam o trabalho dos docentes.

Assim, este estudo tem como objetivo conhecer as diferentes formas de ensino de História adotadas por professores da Bahia, identificando as perspectivas que fundamentam suas práticas pedagógicas e verificando se utilizam metodologias que promovem a construção da aprendizagem histórica dos estudantes.

A pesquisa foi desenvolvida por meio de um levantamento bibliográfico sobre ensino e aprendizagem histórica e da aplicação de um questionário online via Google Forms, direcionado a professores da rede básica de ensino da Bahia. As questões buscaram compreender as metodologias utilizadas em sala, as dificuldades enfrentadas e a visão dos docentes sobre o papel da História na formação dos estudantes.

Os resultados apontam que os professores recorrem a diferentes estratégias para despertar o interesse dos alunos, mas ainda enfrentam desafios relacionados à falta de recursos pedagógicos, sobrecarga de trabalho e lacunas formativas. Ficou evidente a importância da formação continuada para a atualização das práticas e para o aprofundamento teórico-metodológico no campo da Educação Histórica.

Dessa forma, a pesquisa evidencia que, embora haja avanços, ainda é necessário ampliar os debates e os investimentos em formação docente, para que a disciplina de História cumpra plenamente sua função social e educativa, garantindo aos estudantes uma aprendizagem significativa e crítica.

METODOLOGIA

Para esta pesquisa, foi realizado inicialmente um levantamento teórico sobre o campo de pesquisa da Educação Histórica e da Aprendizagem Histórica, considerando



autores que investigaram e propuseram metodologias de ensino nesse campo, como Rüsen, Lee, Germinari, Schmidt e Barca. O objetivo foi compreender as bases que orientam a formação de professores e suas práticas em sala de aula.

Com base nesse levantamento, elaborou-se um questionário digital, criado por meio do *Google Forms*, que foi compartilhado em grupos de estudo de professores da Bahia, a maioria atuante na Educação Básica. O instrumento continha perguntas voltadas a investigar as principais dificuldades enfrentadas pelos professores de História em sala de aula, as formas e métodos de ensino utilizados e as bases teórico-metodológicas que sustentam suas aulas.

Antes de responderem ao questionário, os professores assinaram um termo de consentimento, garantindo que a participação fosse voluntária e que seus dados seriam utilizados apenas para fins da pesquisa, assegurando confidencialidade e ética no uso das informações.

A análise das respostas permitiu identificar os caminhos metodológicos seguidos pelos docentes, verificar em que medida suas práticas favorecem a Aprendizagem Histórica e refletir sobre o cotidiano de sala de aula, incluindo os desafios enfrentados e as estratégias utilizadas para superá-los.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os estudos sobre o ensino e a Aprendizagem Histórica têm apontado para a necessidade de compreender a História não apenas como transmissão de informações sobre o passado, mas como prática social orientada para a formação da Consciência Histórica. Autores como Rüsen (2001, 2006, 2012, 2015), Schmidt (2020), Barca (2001), Lee (2001) e Germinari (2011) têm demonstrado que a disciplina História ocupa um lugar central na formação dos sujeitos em sociedades marcadas por intensas transformações culturais, políticas e econômicas.

Para Rüsen (2001), o ensino de História deve promover a capacidade de atribuir sentido às experiências temporais, possibilitando que os indivíduos se reconheçam como parte de uma coletividade e projetem perspectivas de futuro a partir da compreensão crítica do passado. Essa concepção desloca o ensino de uma perspectiva meramente cronológica ou factual, colocando-o no campo da formação cidadã e da construção identitária.



Na mesma direção, Lee (2001) e Barca (2001) discutem a importância da aprendizagem histórica como processo de desenvolvimento de habilidades de pensamento histórico. Para esses autores, aprender História não significa apenas memorizar conteúdos, mas exercitar a interpretação de fontes, a compreensão da multiperspectividade e a análise das narrativas históricas em sua dimensão crítica. Esse raciocínio histórico permite ao estudante questionar e compreender que a História é fruto de debates, disputas e interpretações.

Schmidt (2020), ao trazer a discussão para o contexto brasileiro, destaca que a Educação Histórica contribui para pensar o ensino em sala de aula de modo mais problematizador, aproximando os conteúdos das vivências dos estudantes. Nesse sentido, o professor é compreendido como mediador que, por meio de diferentes metodologias, possibilita a construção de significados e não apenas a reprodução de informações.

Germinari (2011), por sua vez, chama atenção para o papel social do ensino de História, ressaltando que a escola é um espaço privilegiado de circulação de memórias e narrativas que ajudam os alunos a compreenderem seu lugar no mundo contemporâneo. Essa perspectiva dialoga com o entendimento de que o ensino de História possui uma função social importante que é preparar os estudantes para lidar criticamente com os desafios do presente.

Entretanto, é necessário que os professores adotem metodologias que estimulem a participação ativa, a reflexão crítica e o diálogo entre passado e presente. O desafio está em superar práticas tradicionais que ainda prevalecem em muitas escolas, centradas no livro didático e na aula expositiva, e incorporar propostas que mobilizem os estudantes, tais como o uso de fontes históricas, projetos interdisciplinares, metodologias ativas e tecnologias digitais.

Dessa forma, o referencial teórico aqui adotado busca sustentar a análise da prática docente investigada nesta pesquisa, situando a discussão no campo da Educação Histórica e da formação da consciência histórica. A partir das contribuições dos autores mencionados, pretende-se compreender como os professores da rede básica da Bahia concebem e praticam o ensino de História, bem como de que maneira suas escolhas metodológicas favorecem ou limitam a aprendizagem significativa dos estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Para conhecer as formas de ensinar História dos professores da Bahia, foi aplicado um questionário via *Google Forms*, divulgado em grupos de WhatsApp com professores de História, e grupos de estudos sobre História da Educação. Participaram cinco professores de três cidades diferentes: Caetité, Guanambi e Igaporã. Para preservar a identidade dos participantes, estes foram identificados por letras, como pode ser visto no quadro abaixo:

Quadro 1: Quadro de docentes que responderam ao questionário

Professores	Idade	Carga horária	Tempo de atuação docente	Cidade
A	24 anos	20h - Ensino Fundamental.	Primeiro ano de atuação	Guanambi – Ba
B	46 anos	40h – Ensino Médio	12 anos de atuação	Guanambi – Ba
C	47 anos	20h- Ensino Fundamental e 40h -Ensino Médio	26 anos de atuação	Caetité – Ba
D ⁴	30 anos	20h – Ensino Fundamental	12 anos de atuação	Igaporã – Ba
E	50 anos	40h – Ensino Médio	23 anos de atuação	Caetité – Ba

Fonte: SILVA, Edelaine Nobre, 2022.

Ao observarmos os dados apresentados acima é possível perceber que 80% dos professores possuem mais de dez anos de docência em sala de aula, com exceção do professor A, que está iniciando sua carreira profissional. Dessa maneira, pode-se perceber que estes professores passaram por processos formativos diferentes, além disso, essa diferença etária demonstra que o professor A foi o único que teve a possibilidade de participação em programa de formação docente como o PIBID, o qual foi instituído no ano de 2007, enquanto estudante de graduação.

Assim ao analisar as respostas dos professores sobre o início de suas jornadas docente, eles relataram diferentes dificuldades. O professor A destacou que “com a prática não tive, graças ao pibid. Tive dificuldade com a indisciplina das turmas”, enquanto o professor B afirmou: “Sim, tive muita dificuldade, pois o meu mundo desabou ao deparar com o chão da sala de aula”. Já o professor E disse: “[...] Eu gostei muito da experiência, procurava ser o mais dinâmica possível. Inclusive dei aula até de Educação Física quando começou a mudança do currículo onde a disciplina passou a ter a parte prática (aí foi muito difícil) [...]”.

Por meio dessas falas, podemos perceber o quanto programas de formação docente, como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), são essenciais para a formação do licenciando, constituindo um grande diferencial para sua

⁴ Observação: o professor D atualmente (2020) não trabalha com a disciplina de História, mas já ministrou aulas da disciplina.



atuação em sala de aula. O PIBID é destinado aos discentes na primeira metade da graduação, enquanto outro programa voltado à formação docente, o Programa de Residência Pedagógica (PRP), é direcionado aos estudantes na segunda metade do curso. Ambos têm como objetivo incentivar, valorizar e contribuir para o aperfeiçoamento profissional dos graduandos e dos professores que atuam na Educação Básica.

De modo geral, esses programas desempenham uma função excepcional ao colocar os futuros profissionais da educação em contato direto com o ambiente escolar durante a fase de formação, como relatado pelo professor A. Simultaneamente, permitem que os professores da Educação Básica participem desse processo, recebendo os graduandos em suas salas de aula e contribuindo para a formação continuada desses profissionais. Essa interação possibilita a troca de experiências, a aplicação de novas metodologias, o incentivo à produção acadêmica e outros benefícios relacionados ao aprimoramento pedagógico.

Quanto à experiência formativa na graduação, os docentes apontaram que:

Quadro 2: Pergunta “Como foi sua experiência com relação a aprendizagem durante o processo formativo para a sala de aula com o Ensino Superior/Magistério?”

Professores	Respostas
A	Se não fosse a política pública pibid, não teria muitas experiências, visto que passei por greves e pandemia e não tive estágios
B	A teoria não condiz com a prática, são realidades diferentes
C	Houve diferença na abordagem dos conteúdos, mas a prática é a didática deixou a desejar durante o ensino superior.
D	Foi uma experiência Boa.
E	Houve um aprofundamento com a experiência de estágio e com as disciplinas ligadas ao estágio supervisionado. Hoje a experiência é maior, visto que tem mais de um estágio, então proporciona um maior aprofundamento nos estudos e na experiência em sala de aula

Fonte: SILVA, Edelaine Nobre, 2022.

Observa-se que o professor A, recém-formado, apesar das dificuldades causadas por greve e pandemia, adquiriu experiência prática significativa graças ao PIBID. Já os professores B e C destacam a diferença entre teoria e prática, enquanto o professor E ressalta a importância dos estágios supervisionados para ampliar o aprendizado em sala de aula.

Durante a sua atuação, é importante para o professor mapear as principais dificuldades que os alunos demonstram para com a Aprendizagem Histórica, pois serão a partir delas que eles irão planejar suas aulas. Nesse intuito, os sujeitos da pesquisa foram questionados sobre as dificuldades que seus alunos apresentavam, destaco as seguintes respostas:

Quadro 3: Pergunta “Quais as dificuldades na Aprendizagem da História que você percebe em seus alunos?”



Professores	Respostas
A	O revisionismo histórico. Por exemplo, fui chamada a atenção por dizer que as armas foram usadas pelos portugueses em 1500 para o extermínio dos indígenas. O pai policial chamou a atenção da escola, dizendo que eu estava demonizando as armas.
B	O querer aprender, os alunos não levam a sério a educação, muito menos aprender História de forma crítica
C	Dificuldade em interpretação
D	Muita falta de gosto pela disciplina, pois na escola onde trabalho, São professores de outras áreas que ministram as aulas de História, que na maioria das vezes é um faz de contas, levando os alunos a se desinteressarem pela disciplina
E	A interpretação

Fonte: SILVA, Edelaine Nobre, 2022.

As falas dos docentes evidenciam que interpretação de conteúdos e falta de interesse são os principais desafios. O professor D destacou que, em algumas escolas, História é ministrada por professores de outras áreas, o que potencializa o desinteresse dos estudantes. Esses problemas refletem não apenas nos alunos, mas também nas questões estruturais do sistema educacional, como sobrecarga docente e falta de recursos pedagógicos, fatores que impactam diretamente o aprendizado.

A falta de formação adequada desses profissionais para atuar na área de História reflete significativamente no interesse do estudante. Dessa forma, podemos perceber que certas dificuldades não estão ligadas somente ao aluno, mas também ao sistema educacional, que em alguns aspectos são falhos. Andréia Osti em sua dissertação de mestrado intitulada “As dificuldades de aprendizagem na concepção do professor” aponta algumas das dificuldades para com a aprendizagem dos estudantes:

Fernández (1991) define duas ordens de causas dos problemas de aprendizagem; a primeira nomeada de problema de aprendizagem reativa, em que o fracasso escolar é resultado de uma ação educativa inadequada tendo sua origem relacionada à instituição escolar como desadaptação, problemas relacionados ao professor e a metodologia usada. A segunda, chamada de problema de aprendizagem sintoma em que a causa do problema está no desenvolvimento afetivo e/ou cognitivo, sua dimensão liga-se à história original e única desse sujeito, constituída nas interações sociais que estabelece com pais, familiares, grupos de amigos, colegas e professores (Osti, 2004, p.10)

É importante observar que os desafios enfrentados pelos professores não se resumem à falta de interesse dos alunos. Existem condições estruturais que influenciam diretamente o processo de ensino-aprendizagem, como falta de recursos pedagógicos, precariedade tecnológica e carga horária exaustiva, que não foram explicitamente mencionadas nas falas dos docentes. Essas condições estão no cerne da intensificação do trabalho docente, tensionando a energia, o tempo e o bem-estar dos professores, o que compromete a qualidade das práticas pedagógicas



Essa análise é corroborada pela pesquisa de Viegas (2022), que apresenta evidências contundentes de que os professores estão permanentemente envolvidos com o trabalho, estendendo a jornada ao espaço doméstico e gerando condições que frequentemente levam ao adoecimento físico e mental.

Apontadas as dificuldades, esses profissionais foram questionados sobre o que eles implementariam para melhorar a Aprendizagem Histórica dos estudantes e quais são os obstáculos para que essa melhoria seja atingida, apontaram que:

Quadro 4: Pergunta “Se você pudesse o que mudaria para melhorar a Aprendizagem Histórica durante as aulas? E quais são os obstáculos para essa melhoria ser atingida?”

Professores	Respostas
A	Tentar fazer com que os alunos entendam a história com base no que ele conhece, no que está próximo a ele.
B	O que gostaria não depende de nós professores, é a vontade de aprender que muitos não tem.
C	Mau uso da tecnologia, pois os alunos só querem ficar no Instagram, jogos e WhatsApp. Os obstáculos vão desde o uso incorreto da tecnologia que acaba atrapalhando a aprendizagem
D	Na maioria das vezes buscaria mais recursos, mas infelizmente encontro dificuldades por que nem sempre a escola está à disposição para atender na questão dos recursos.
E	Tentamos propondo atividades de interpretação usando uma linguagem variada. Acho que precisamos ser mais propositivos nesse sentido, também. os obstáculos são a quantidade pouca da carga horária, a pouca leitura por parte dos alunos, a nossa sobrecarga dificuldade uma maior diversidade em nosso trabalho, etc.

Fonte: SILVA, Edelaine Nobre, 2022.

Os docentes indicaram que dificuldades de interesse e limitações do ambiente escolar são entraves recorrentes. Destaca-se a importância de conectar os conteúdos à realidade dos estudantes, conforme enfatizado pelo professor A, para que o ensino seja significativo. Estudos de Barca (2012) reforçam que a relação entre passado e presente é essencial para engajar os alunos na Aprendizagem Histórica, enquanto Rüsen (2001) aponta que essa abordagem promove formação crítica e duradoura.

No que se refere aos recursos pedagógicos, os professores relataram utilizar o livro didático como base, mas complementam suas aulas com vídeos, slides, cordel, filmes, músicas, literatura, jornais, mapas, charges e outras fontes. Essa diversidade foi destacada nas respostas dos docentes como se pode verificar a seguir:

Quadro 5: Pergunta “Para o seu planejamento de aula, quais materiais de História você utiliza? Você segue o proposto no livro didático ou toma outras direções? Se sim, quais?”

Professores	Respostas
A	Temos por obrigação seguir o módulo, que é o livro didático adotado pela escola. Temos datas a cumprir e devemos seguir à risca, sinalizando todas as páginas para mostrar que foi utilizado. Mesmo assim tento inserir outros meios como vídeos, slides, dinâmicas, jogos, brincadeiras
B	Não me apego só ao livro, e ou um outro material, busco usar diversos matérias e proposta pedagógica.



C	Depende de cada conteúdo a ser trabalhado, mas sempre inovando a prática e levando mais recursos. Documentários, literatura, filme, interpretação de tirinhas, questões que envolve a atualidade, mapas e debates.
D	Livro didático sim por que é o material do aluno, mas não me prendo somente a ele, busco levar para as aulas vídeos, atividades dinâmicas, etc.
E	Eu uso o livro didático (em alguns momentos mais do que em outros). No entanto, procuro utilizar outros materiais, recursos, fontes, etc. Utilizo de vídeos, artigos de revista (Revista de História da Biblioteca Nacional, principalmente), pesquisa na internet, alguns livros da História local, livros de historiadores ou outros escritores que trabalham temas afins, Fontes locais como o Jornal A Penna.

Fonte: SILVA, Edelaine Nobre, 2022.

Ao analisar as metodologias relatadas pelos professores, observa-se que há uma diversidade significativa de recursos e estratégias. Essas práticas indicam uma tentativa de engajar os estudantes e contextualizar o conteúdo histórico, mas é necessário observar se efetivamente promovem a Aprendizagem Histórica conforme preconizado no referencial teórico.

Segundo Rüsen (2001, 2006), a Aprendizagem Histórica envolve não apenas a transmissão de informações, mas a construção de sentido, o desenvolvimento da consciência histórica e a capacidade de interpretar múltiplas perspectivas. Lee (2001) e Barca (2001) destacam a importância da interpretação de fontes e do questionamento crítico das narrativas históricas.

Ao confrontar essas orientações com as práticas relatadas, percebe-se que, embora os professores diversifiquem os recursos e busquem estratégias para despertar interesse, nem sempre há evidência de que os alunos estão exercitando habilidades de análise crítica, interpretação e problematização histórica de forma sistemática. Assim, os docentes promovem parcialmente os princípios da Aprendizagem Histórica, havendo oportunidades claras para intensificar práticas que conectem conteúdo, interpretação e reflexão crítica.

O uso diversificado de recursos auxilia na construção de uma compreensão mais ampla e significativa dos conteúdos. Ao serem questionados sobre a eficácia desses recursos em despertar interesse, os professores responderam conforme o Quadro abaixo:

Quadro 6: Pergunta “Você acredita que os recursos usados em sala auxiliam nos objetivos de despertar os interesses dos(as) alunos(as) pela Aprendizagem Histórica? Justifique.”

Professores	Respostas
A	Sim, chama atenção dos alunos, os envolve.
B	Tá difícil é encontrar um recurso e ou uma metodologia que prenda a atenção e aja aprendizagem. Em sua maioria só querem vistos, notas para "passar" de ano. Quanto aos recursos ajudam sim, e como ajudam.
C	Sim, pois torna as aulas mais interessantes e desperta no aluno a curiosidade em querer aprofundar a temática trabalhada em sala.
D	Sim. Pois uma aula dinâmica tende a chamar atenção dos alunos, às vezes uma aula bacana nem sempre de muitos recursos, o diferencial é como essa aula será ministrada.



E	Sim. Quando você propõe uma diversificação na utilização de recursos os alunos se engajam mais. Admito que nem sempre dá para diversificar. Mas tentamos, na medida do possível.
---	--

Fonte: SILVA, Edelaine Nobre, 2022.

Os docentes afirmaram que recursos variados tornam as aulas mais atraentes e despertam a curiosidade dos estudantes. No entanto, atrair a atenção não garante Aprendizagem Histórica significativa. Conforme apontam Rüsen (2001, 2006, 2012, 2015), Lee (2001) e Barca (2001), o uso de múltiplas linguagens e fontes deve promover interpretação crítica, problematização do passado e construção de sentido histórico, contribuindo para a compreensão do mundo e para o desenvolvimento de competências que permitam aos estudantes refletir sobre o contexto social em que vivem e consolidar a Consciência Histórica.

Por fim, os professores foram questionados sobre o impacto da BNCC no Ensino de História. As respostas estão no Quadro 7:

Quadro 8: Pergunta “Para você qual o sentido do Ensino de História atualmente? As últimas modificações na legislação como a BNCC podem impactar o Ensino de História?”

Professores	Respostas
A	Impactam diretamente, os alunos cada vez mais terá(sic) um ensino engessado e não terão a oportunidade ou vontade de construir seu próprio pensamento
B	As últimas "re-formas" tem impactado diretamente na aprendizagem, eram 2 aulas hoje 01, já estava difícil, agora está inconcebível
C	O senso crítico é o poder de se expressar de forma coerente. A BNCC reduz a carga horária e limita o ensino e a aprendizagem em História.
D	É de suma importância, pois serve para interpretar diversas situações atuais que estamos vivendo. Auxiliar os nossos alunos a serem cidadãos críticos e conhecedores dos seus direitos e deveres.
E	Precisamos conhecer o passado, estabelecer relações com o presente e principalmente, fazer questionamentos críticos dos fatos do presente. Sim, muito!! tudo que é novo gera especulação, medo, desconfiança, mas também esperança. A proposta da BNCC é boa quando propõe o maior protagonismo do aluno, a maior inserção da tecnologia e as novas metodologias de avaliação. No entanto como estamos passando por tantas propostas de mudanças: BNCC, Novo Ensino Médio com Educação de Tempo Integral e o medo do pouco investimento ficamos apreensivos, mas vamos construir a partir do que pudermos colaborar na adaptação curricular na Educação Profissional, estamos nos inteirando, na prática, da proposta de trabalho por área(experiência um pouco contraditória, visto que fomos formados em áreas específicas e a distribuição de carga horária também é feita dessa forma), 2022 foi o primeiro ano de experiência gradual a partir das turmas de 1º ano.

Fonte: SILVA, Edelaine Nobre, 2022.

Os professores A, B e C apontam impactos negativos, como engessamento dos conteúdos e redução da carga horária, enquanto os professores D e E destacam oportunidades de maior protagonismo do aluno, interpretação de fontes e inserção de tecnologias. Esse panorama evidencia que, apesar dos desafios, os docentes buscam estratégias diversificadas para tornar a Aprendizagem Histórica relevante, contextualizada e crítica, conectando o passado à realidade presente dos estudantes.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa revelou que o ensino de História na rede básica da Bahia é marcado pela diversidade de recursos e estratégias, mas nem sempre garante a Aprendizagem Histórica, entendida como a construção de sentido, a consciência histórica e a interpretação crítica do passado.

Os professores recorrem a livros didáticos, vídeos, filmes, cordéis, mapas, debates e metodologias ativas para engajar os estudantes. Contudo, a sobrecarga de trabalho, a limitação de recursos e lacunas na formação docente dificultam o pleno desenvolvimento das habilidades históricas dos alunos.

Programas de formação docente, como PIBID e PRP, mostraram-se essenciais, proporcionando experiência prática e reflexão sobre metodologias mais eficazes. Os resultados reforçam a importância da formação continuada, da articulação entre teoria e prática e do incentivo a estratégias que favoreçam interpretação, problematização e a relação entre passado e presente.

Apesar das limitações, a pesquisa permitiu compreender um pouco da realidade dos professores e apontar caminhos para fortalecer a Educação Histórica, favorecendo uma aprendizagem mais significativa, crítica e capaz de relacionar passado e presente na vida dos estudantes.

REFERÊNCIAS

BARCA, Isabel. Educação Histórica: uma nova área de investigação. **Revista da Faculdade de Letras História**. Porto, III Série, v. 2, 2001, p. 13-21.

_____. **Ideias chave para a educação histórica: uma busca de (inter) identidades**. Goiânia, v. 17, n. 1, 2012. DOI: 10.5216/hr.v17i1.21683. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/21683>. Acesso em: 18 jan. 2022.

_____. Marco de consciência histórica de jovens portugueses. **Currículo sem Fronteiras**, v.7, n.1, 2007, p.115-126.

BERGMANN, Klaus. A história na reflexão didática. **Rev. Bras. de Hist.** São Paulo. v.9 n. 19, 1990, p.29-42.



BRASIL. Base Nacional Comum Curricular - Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 11 de out. de 2023.

DAMIS, Olga Teixeira. Didática: Suas relações, seus pressupostos. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Repesando a didática**. 4ª ed. Campinas: Papirus, 1990.

FERNANDES, Aurelio Silva. **As concepções de ensino de História e a consciência histórica. Um estudo com alunos do 3º ano do Ensino Médio Regular**. 2016.

GERMINARI, Geyso Dongley; URBAN, Ana Claudia. Educação histórica e a contribuição para a formação de professores: experiências de pesquisa. **Roteiro**, Joaçaba, v. 45, e 22375, jan. 2020. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-60592020000100302&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 jul. 2023.

JUNIOR, Ediney de Brito. **Desafios para ensinar e aprender história: aprendizado e educação histórica**. 2018.

VIEGAS, Moacir Fernando. Trabalhando todo o tempo: sobrecarga e intensificação no trabalho de professoras da educação básica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 48, n. 24, e48244193, 2022.

RIBEIRO, Jonatas Roque. História e ensino de história: perspectivas e abordagens. **Educação em Foco**, n. 7, 2013, p.1-7.

RÜSEN, Jörn. **Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão**. Práxis educativa. Ponta grossa, PR. v.1, n. 2, 2006, p. 7-16.

_____. **Razão histórica: teoria da História: fundamentos da ciência histórica**. Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. **Teoria da História: Uma teoria da história como ciência**. Curitiba: Editora da UFPR, 2015.

SCHMIDT, Marca Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar história**. 2004, p.75-89.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Jörn Rüsen e sua contribuição para a didática da História. **Intelligere, Revista de História Intelectual**. V. 3, n. 2, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistaintelligere/article/view/127291/136217>. Acesso em: 10 de out. de 2022.

